

O que é o design: A colher do pastor

[1995 / in *Jornal Évora & o Mais*, Évora / Fevereiro '95]

1.

Um homem está sentado, sozinho, debaixo de uma azinheira, fechado num pequeno círculo obscuro, no meio da planície alentejana.

Há também nesta paisagem o sol que queima como uma lança, por cima e em volta e, se calhar, por baixo e por dentro da terra.

O homem está, por assim dizer, cercado.

O silêncio não é ali uma ausência, é a soma de vários ruídos, é o peso da tarde e o esvoaçar manso dos pequenos insectos do calor.

Pastando perto, as ovelhas parecem grandes pedras cinzentas pousadas no restolho.

Cenário: o céu sobre o horizonte de um oceano imóvel.

2.

Temos, então, um homem e a natureza.

Um homem que, entretanto, aprendeu e desaprendeu coisas, criou hábitos, modos de ver e de sentir a vida, interiorizou atitudes, imaginou fronteiras, sonhou mares diferentes das velhas "searas de vento", amou e desamou, esperou e desesperou.

Hoje, é um pastor sentado no meio do Alentejo e, enquanto vai mordiscando o caule seco de uma espiga, rapa da velha faca corticeira que lhe é mais preciosa que qualquer canivete suíço, e começa a golpear paulatinamente um pedaço de madeira de azinho.

Aquilo sai-lhe assim, naturalmente.

Não sei se percebem: é como se se sentasse à secretária a escrever.

3.

A pequena colher de ganhão que entretanto talhou, até que não é desajeitada para ajudar às sopas. Olhando melhor, parece ter o cabo um tanto curto, se calhar o côncavo da madeira poderia ser um pouco mais fundo. Da próxima vez vai ter mais cuidado.

E talvez fazer uns entalhes que a tornem mais bonita, sei lá, uns recortes arredondados, assim. E um furo no cabo para lhe atar um baracinho de estopa e pendurá-la depois na parede do casebre, para não se perder.

4.

Sejamos concisos: à quinta ou sexta colher, o nosso pastor começa a ficar verdadeiramente satisfeito com o seu trabalho. Até se permite algum rigor, aquela madeira é capaz de não ser a mais indicada, nem a ferramenta. De qualquer modo, olhando a colher de perfil, ajustando o olhar – semicerrando as pálpebras contra o espelho de calor projectado no céu

sem nuvens – a curva do cabo inserido no bojo da madeira exactamente naquele ponto central e com aquela espessura, parece-lhe bem. E o certo é que, agora que chegou a uma relativa perfeição no desenho do seu objecto, as sopas lhe sabem melhor, comidas com uma das suas bonitas colheres de madeira.

O que ele pensa é que tinha realmente necessidade daquilo para se sentir mais feliz, e que foi por ele o ter descoberto, isto é: ninguém lhe disse o que se deve ter ou não ter para se sentir melhor com a vida.

Ninguém lhe disse nada. Foi (não sei se me compreendem) a sua alma que lho soprou.

5.

Mas um homem sentado no mundo, sozinho, não é lá grande coisa.

Os passos, bons ou maus, que possa dar, não chegarão a mais lado nenhum, senão àquele sitio onde ele está sentado, e mais ninguém os conhecerá.

A partir do momento em que este homem começar a fazer coisas com os outros é que se poderá, talvez, começar a falar de sabedoria.

Só podemos ter a noção da presença dos outros se primeiro a tivermos de nós próprios.

É pelo seu corpo único e pela sua exclusiva paisagem que um homem chega ao mundo.

A colher de madeira do pastor alentejano não tem ainda a ver com o *design*. Só começará a ter, verdadeiramente, quando ele deixar de ser um pastor que fez uma colher de madeira, para passar a ser um homem que mandou, literalmente, as ovelhas pastar, e se pôs a fazer colheres para o mundo: sabendo que o mundo precisa delas porque ele, um dia, também precisou de as inventar. Assim sendo, necessidade, função e valor, não têm nada a ver com consumo, supérfluo, luxo.

Dito de outra forma: a fossanga de inventar objectos diferentes, não como o sentido de um sonho, mas como resposta pura e simples às regras do mercado, não tem a ver com o *design* – tem a ver com a sobrevalorização do lucro. E aquilo que o nosso compadre fez foi, sem saber ler nem escrever, dar corpo à ideia de um outro “compadre” distante, Miguel Torga quando, assumindo “*uma parte de realidade, outra de absoluto*” (Manuel Alegre), afirmou: “*o universal é o local alargado*”.

6.

O que é, então, o *design*?

Um projecto artístico que dá resposta adequada a uma necessidade qualificada de um grupo social bem determinado.

Notem: em cada palavra da frase atrás dita há uma *bela* e um *monstro*, que farão por si a diferença entre o *design* como atitude certa perante perguntas bem colocadas, e o *design* como mero álbi cultural para criar coisas absolutamente inúteis para as pessoas, embora tão desesperadamente urgentes para a sociedade de consumo.